

Excerto traduzido do livro

Hans Pleschinski
Ludwigshöhe
Roman
C.H. Beck Verlag
München 2008
ISBN 978-3-406-57689-8
579 páginas

pp.7-22

Hans Pleschinski
Ludwigshöhe

Tradução de Marcelo Backes

LIVRO I

1

“O senhor já foi nosso paciente?” A secretária encontrou a resposta a sua pergunta no fichário do computador. “Por favor aguarde na sala de espera.”

Ulrich Berg pegou uma revista e se sentou. Pessoas jovens pareciam ser raras também no consultório dentário do doutor Gessler. Duas senhoras de mais idade e duas jovens turcas de pano na cabeça voltaram a se concentrar em suas leituras, cochichando em suas línguas. Um aposentado de paletó azul-claro fixava os olhos no quadro emoldurado que mostrava uma cascata.

Para Ulrich Berg não representava o menor problema puxar os cartões pretos do bolso de seu casaco. Sem dar na vista, enquanto folheava a revista dedicada à vela, ele os colocou entre as páginas de alto brilho. Com um pigarreio, botou *Sail & Cruise* de lado e pegou o boletim da AOK da pilha de revistas. Sacrificou mais três de seus cartõezinhos, no formato de um cartão de visitas, para aquele impresso e aquele lugar. Agora também no consultório do doutor Gessler um paciente mais tardio poderia segurar nas mãos o cartão de papel preto, grosso e brilhante, e ler as letras douradas e amistosamente cheias de volutas que diziam:

*Basta? Basta mesmo?
Não dá mais para seguir adiante?
Não há mais caminho? Examine-se antes.
Tudo com calma.
Se você compreende, compreende.*

E depois vinha o número de telefone.

Eles haviam discutido muito tempo qual deveria ser o teor do texto. Monika sugerira *Se tu compreendes, compreendes*. Mas Clarissa acabara vencendo a disputa: “Nós não estamos abrindo nenhuma barraca de acampamento. Quanto mais distanciado o tom, tanto melhor para todos.”

No que dizia respeito ao peso do comunicado, aliás, o teor do texto jamais poderia ser adequado. Ao final das contas, as perguntas e sugestões acabaram sendo formuladas de modo tão discreto quanto insistente. *Se você compreende...* A senhora Fontanelli compreendera e não estava mais viva.

De qualquer modo, o desespero parecia se reunir no consultório dos dentistas. Naturalmente de um modo bem diferente daquele que podia ser percebido na agência estatal de empregos. Mas ele já estivera na Kapuzinerstrasse às oito horas. Na verdade, ele poderia muito bem, ele mesmo, ter pegado uma ficha e esperado por lá.

“Só o tártaro?”, a assistente perguntou da porta.

Ulrich Berg se levantou:

“Volto à tarde. Quase esqueci que tenho um encontro importante.”

Ele voltou os olhos mais uma vez para a sala de espera. Uma muçulmana no porão – era só o que faltava.

O homem, meados dos quarenta, há uma semana já estava treinado em passar com um sorriso amistoso por empregados de consultório até as escadarias, desaparecendo porta afora. Apenas em Garmisch, no consultório de um clínico geral, uma estagiária correria atrás dele:

“O senhor deixou cair suas chaves.”

O sol de abril mal chegava a esquentar. Ele ergueu a gola de pele e fechou o casaco de veludo. Um vento soprava. Ele teria gostado de sentir os cachos louros e grossos balançando diante de sua testa e de seus olhos. *Tempi passati*. Os cabelos há tempo já estavam mais ralos e agora eram apenas ondulados. A perda do vigor se adequava aos olhos franzidos, aos lábios mais finos e aos ombros caídos. Combinados, esses rastros do tempo tornavam mais másculo, pelo menos Robert Redford havia renunciado essa possibilidade de interpretação. Vaidades passadas em relação a detalhes, que com a juventude autoconfiante, os belos dentes, o olhar animado nem teriam sido necessárias, possivelmente se transformassem em uma vaidade defensiva de ordem geral antes que o encolhimento se tornasse maior e o grisalho dominasse.

Mas a esse ponto ele ainda não chegara.

O jeans lhe caía bem.

Ulrich Berg dobrou na Maximilianstrasse. A Ópera Estadual estava encimada por bandeiras em cores fantasiosas que iam do violeta ao verde. À direita, na margem alta do Isar, o Parlamento Estadual Bávaro estendia seus braços de pedra. Os mosaicos de ouro brilhavam suavemente. Toda a suntuosidade daquele lugar, ainda que percebida apenas fugidamente,

representava o ato impressionante da vontade de um rei, disposto a legar ao mundo algo imponente, belo e único. De vez em quando fachadas, colunatas e ilusões conseguiam manter a coesão da vida quando as coisas começavam a titubear internamente. Da aparência, poderia voltar a nascer uma essência. Essa era, pelo menos, a sugestão tardia e monárquica dos Wittelsbach, que haviam aberto corredores cheios de pompa em meio à mata rasteira, aos campos, à apatia e à indignação. Depois de prontos, todos ficavam felizes com o fato de seus impostos terem se transformado implacavelmente em colunas e estátuas.

Ulrich Berg olhou para as vitrines da Louis Vuitton. Reconheceu alguns dos tecidos de camisa. Eles vinham das tecelagens toscanas em Prato. Só com o corte, as mercadorias confeccionadas haviam se tornado trinta vezes mais caras. Não muito longe dali, Moshammer, o duplo do rei fabuloso em sua versão alfaiate, havia trabalhado. Na vitrine, entre gravatas e blazers, Ulrich há algum tempo vira Daisy, a yorkshire toda afeita à mídia do costureiro estrangulado, dormitando sobre um banquinho neobarroco. O bávaro, que ao fim e ao cabo ainda quis cantarolar músicas de sucesso, provara coragem de ser ele mesmo. Novas aves raras pareciam ter asas bem mais curtas do que ele, e eram iluminados por um número cada vez maior de flashes por períodos de estrelato cada vez mais breves, e quase sempre acabavam em uma loja de produção em série qualquer. Onde ainda floria a loucura vivificante?

O sal e as pedrinhas espalhadas na neve das semanas anteriores ainda rangiam debaixo da sola das botas. Varrer, ao que parece, acontecia apenas mensalmente. Desocupados, clientes que gastavam o dinheiro de uma vida na Bulgari, na Vuitton e na Pralinen-Cordes mal podiam ser vistos numa segunda-feira pela manhã. Funcionários junto a caixas e diante de prateleiras ajeitavam etiquetas e blusas já ajeitadas.

O golpe o acertou na parte de trás do joelho. E já o guarda-chuva fechado de uma passante balançava na frente dele. A mulher usando uma manta escocesa nem sequer se voltou para pedir desculpas. “Vaca idiota”, vociferou ele, e esfregou a junta dolorida. Antes de dobrar no Kosttor, um Volvo buzinou, tirando do caminho uma ciclista, que acabou entre os trilhos do bonde, mas logo em seguida conseguiu se reequilibrar. Do outro lado da rua, um motorista de táxi olhava para o Vier Jahreszeiten e contemplava uma senhora de chapéu e bengala que tentava embarcar no banco traseiro do carro.

Era o começo da semana?

Será que o föhn, o vento seco e quente vindo dos Alpes, estava se anunciando? Já no trem urbano alguns dos passageiros pareciam dispostos, caso se colocasse um estilete em suas mãos, a enfiá-lo imediatamente na barriga do homem ou da mulher a sua frente.

Naturalmente o clima nos veículos do transporte público era ainda mais pesado durante o inverno profundo. Aí já nem se sabia mais qual era o sentimento dominante em muitos rostos. Ódio do mundo ou ódio de si mesmo. Os motivos, ninguém os sabia nomear ao certo. Ausência de alegria, supersaturamento, um novo tipo de excesso? Uma fúria tão profunda acabava se revelando, a ponto de todo mundo temer ser levado de roldão.

Ele se virou. Poderia deixar alguns dos cartõezinhos de alto brilho no Kulisse.

O designer da moda, contemplado com alguns trabalhos pátrios para malhas da H&M e da Escada, entrou no café que ficava diante do Teatro de Câmara. Numa mesa junto à janela, estava sentado o comissário de uma série policial televisiva, que com seu colega mais jovem da polícia criminal, ambos sempre informais e compreensivos, ajudavam a lei a obter algumas vitórias aqui e ali em Munique. Ao lado de uma xícara, da qual pendia a etiqueta do sachê de chá, o ator sublinhava com ímpeto algumas linhas nas folhas de uma pilha de papel amassado. Um roteiro, ou o texto para uma conferência, à noite? Algum famoso a gente sempre acabava encontrando por aqui. Numa mulher de cabelos ruivos, naturalmente mais cheia de rugas do que na tela, ele certa vez projetara involuntariamente a imagem de Senta Berger. Quando ela fora embora com seu acompanhante, porém, falara em espanhol e caminhara mancando. Mais atrás, no corredor que levava ao saguão do teatro, uma escritora conhecida pelas entrevistas com fotos tomava seu café. Ela era adorada por causa de suas histórias sensuais. Dizia-se que passara anos ardentes no México, e o número de seus casamentos e relações variava de notícia a notícia. Agora ela embebia um croissant no café com leite, sorrindo aparentemente apenas consigo mesma. Usava um pulôver vermelho e pomposo, de gola larga.

Depois de levantar tão cedo, Ulrich Berg agora bebia um expresso no balcão. Fome, ele não sentia. Enfiou alguns dos cartõezinhos de letras douradas no cardápio a seu lado. *Basta? Basta mesmo?...* Sobretudo artistas, o público do teatro, intelectuais e pessoas sensíveis eram suscetíveis e necessitados de ajuda.

Eles poderiam ser ajudados nesta vida dura, difícil, tantas vezes insuportável. De certo modo, Ulrich Berg não queria pensar sobre as conseqüências de sua ação perigosa. O ato de recalcar era uma dádiva dos deuses. E mesmo os tempos mais complicados acabavam passando. Judicialmente, ele não poderia ser interpelado. Pelo menos era o que esperava. Olhou para as mãos. Terrível! Mas elas eram apenas instrumentos. Mastigou o biscoito de anis antes que este escorregasse para baixo da xícara depois de mais um gole de café. Jamais gostara daquela droga das padarias italianas. Atrás do balcão, os atendentes batiam, mexiam e misturavam café com leite. A Alemanha inteira parecia ter caído num êxtase de cappuccino,

latte macchiato e café com espuma de leite, mesmo que jamais se soubesse ao certo se essas bebidas de folgado mantinham acordado ou botavam pra dormir.

Pouco importa. Ou não.

Seu olhar se desprende do vermelho fofo e lanudo da escritora, que parecia estar removendo uma mancha de geléia de seu jornal com a ajuda de uma faca.

Em pouco, ele estaria suficientemente bem, até mesmo rico, para mandar que lhe servissem o café na cama, no Brasil, ou onde quer que fosse. Por certo logo se acostumaria à pasta de trufas sobre a fatia de pão, aos pedaços de lagosta frescos logo pela manhã. Depois de alguns exercícios físicos, umas braçadas no mar, e poderia tomar seu desjejum sobre um terraço coberto. E haveria de encontrar – na Bahia, em Acapulco, nas ilhas Seicheles – conhecidos e amigos para tomar o brunch com ele de vez em quando. Sem compromisso, antes de um passeio de barco.

Uma fila de BMWs pretas passou diante do café. Provavelmente o governador estivesse a caminho com algum convidado, saindo da chancelaria estadual, seu Kremlin junto ao Isar, para uma recepção na Assembléia Legislativa. Pelo menos no interior do Estado Livre da Baviera, aquela instituição heróica e soberana minimalista, mas que realmente era bem maior do que a Saxônia ou a Renânia-Palatinado, alguns pensavam que em tais viagens de limusine também se dava cartadas na política mundial. De qualquer modo, o que se fazia ali dentro acabava atingindo um ou outro, e era necessário – no que dizia respeito a intangibilidade do indivíduo, sua dignidade, e aos direitos e obrigações de cidadão – sempre ficar atento a tudo na condição de eleitor.

Ulrich botou três moedas sobre o mármore do balcão. Ficou com alguns dos cartõezinhos de alto brilho de reserva para a viagem de volta, na estação e no trem urbano. Clarissa tinha tudo sob controle. Num caso como aquele, mais do que nunca era bom delegar poder às mulheres. Elas sabiam ser bem mais draconianas. Voltou a fechar o casaco. Um aspic delicioso com rodelas de cebola passou do seu lado sobre uma travessa. Ao calçar as luvas, teve a impressão de que todos os bairros da cidade já estavam tomados por cartõezinhos.

Schäftlarn-Ebenhausen, no sul de Munique, era um lugarejo conhecido na Alemanha inteira, e não apenas por causa de seu Fórum de Ciência e Política. Na condição de parte da localidade de Schäftlarn, a abadia dos beneditinos, de mesmo nome, também pertencia àquela municipalidade de nome duplo na Alta Baviera. Bem preservado e cuidado, o quadrado do mosteiro com sua basílica suntuosa e as cervejarias com pátio externo dominava o vale do Isar, e nos dias de tempo bom atraía os excursionistas, que acorrentavam suas bicicletas de passeio, suas mountainbikes, suas Kawasakis, às vezes suas bicicletas de dois lugares e até mesmo veículos parecidos com rickshas no estacionamento de carros antes de se debruçar sobre o canecão de cerveja ou o suco de maçã com água mineral.

No vale, debaixo das margens altas e cobertas de mata e nas proximidades do rio e suas praias de seixos, se localizava um pedaço do paraíso sobre a terra. Quem com seu círculo de amigos, a dois ou mesmo sozinho olhasse para o verde explosivo, fugindo ao cotidiano, sentado debaixo da sombra das castanheiras diante de uma salada de embutidos, uma rosquinha e uma cerveja de trigo, só interrompia o idílio a contragosto ou levemente embriagado para seguir adiante ou voltar para casa. Quando se voltava aos pedais depois de algum tempo e se subia a montanha íngreme balançando, a despedida já acontecia debaixo de suor. Depois do lúpulo, do malte e de um meio pato devorado, alguns desistiam de pedalar em Schäftlarn e empurravam a bicicleta. Outros, de repente esgotados por causa do sol, do ar e do vinho branco com água mineral, se jogavam numa moita qualquer ao lado da estrada, afundavam na grama e dormiam, muitas vezes ainda usando o capacete de ciclistas. E o golpe das horas do sino beneditino soava sobre a sesta de verão entre os sabugueiros bávaros.

Acima do pequeno elísio, onde os pais não conseguiam mais conter seus filhos, os gatos saltavam sobre os bancos e a música dos carros que passavam ecoava, acima das curvas fechadas e já além dos trilhos do trem urbano, Ebenhausen crescia pelas colinas acima. O número dos que já moravam ali há muito era pequeno. Managers, banqueiros e catedráticos, que se deslocavam dali para as sedes de conglomerados ou escritórios de universidades, haviam se estabelecido na parte mais alta. Um regente de ópera enérgico e moderno havia se mudado para Ebenhausen com seu companheiro, e recebia regentes e cantores famosos entre modelos de encenações nas dependências do porão daquela que antigamente fora uma casa de camponeses, e festejava com os artistas até o amanhecer. As venezianas ficavam trancadas, quando o locatário botava a *La Traviata* em cena em Londres, ou o *Woyzeck* no Met ou ainda

a *Salomé* no teatro Mariinski, em São Petersburgo. Certa vez, depois de uma bebedeira musical, para a qual também dois ou três jovens motoristas de táxi haviam sido convidados, uma das mais famosas intérpretes de Schubert cambaleara pela encosta do jardim abaixo, e despertara em meio ao orvalho da manhã ao lado de uma escultura de aço de gosto duvidoso. O leite era trazido todas as manhãs de uma chácara das proximidades e colocado diante da porta.

Alguns camponeses continuavam trabalhando no lugarejo. Eles vendiam ovos e legumes diretamente aos clientes, de modo que galinhas ciscavam ao lado de Porsches e esportistas matutinos eram obrigados a dar uma volta em torno de uma vaca cheia de dignidade, deitada ali ao acaso. Em um total de talvez três mil moradores, eram justamente as propriedades mais novas que se encontravam dispostas de tal modo que os praticantes de jogging e passantes não podiam ver nada no interior das casas. Filas de pinheiros atrás de cercas de madeira impediam toda e qualquer vista. Em volta dos terraços, cresciam touceiras altas de bambu. As persianas de metal de algumas das casas geminadas não se abriam ao longo de meses. O que acontecia por trás do alumínio muitas vezes podia apenas ser suposto, e toda e qualquer suposição poderia muito bem estar correta. Atrás de caixotes com gerânios vivia, casada com um cirurgião vascular, a filha do último presidente do Banco Central da República Democrática Alemã. Há alguns anos, a polícia encontrara um homem em sua casa tomada pelo lixo, onde havia sido fulminado por uma torre de exemplares da *Neue Revue*, que ele colecionava desde 1960.

Junto a Hailafinger Leite podia ser ouvida, em muitas manhãs claras, a *Sinfonia dos Alpes* de Richard Strauss, ou as ondas de instrumentos de cordas de alguma composição de Anton Bruckner, e se tinha a certeza de que atrás dos vidros do frontão alguém sonhava olhando para a cordilheira distante dos Alpes. No cume escuro das montanhas, ainda no verão brilhavam campos de neve. E mesmo aquele que não era capaz de apreciar aquela colossal formação rochosa ao sul do país, aquele que os Alpes não passavam de um conjunto sombrio e impassível de despenhadeiros – cujo caráter íngreme foi apenas temido ao longo de séculos –, mesmo aquele que não diferenciava o esporte alpino de uma perda de tempo no frio e na neve com grandes possibilidades de trauma, era cumprimentado pelos picos do Karwendel anunciando a Itália. Atrás das cumeadas e geleiras ficavam Verona e Mântua, e o lago Maggiore espelhava palmeiras. O fato de existir uma barreira tão formidável entre uma e outra região existencial talvez fosse tão aflitivo quanto sensato. A fronteira rochosa destacava objetivos, desejos e autoconsciência. Nas distâncias do alto, o vento bufava o ano inteiro.

Libélulas cintilavam sobre as últimas poças. Um dia imaculado do mês de maio se anunciava. Deviam ser mais ou menos seis horas.

A propriedade na Ludwigshöhe por certo era uma das mais pitorescas e discretas do lugar. Até mesmo madrugadores curiosos, que haviam despertado seu cão para passear, mal conseguiriam avaliar, da estreita estradinha de asfalto, se o jardim continuava atrás da casa, ou se o telhado de madeira vedado com alcatrão por trás das árvores, que ainda brilhava úmido, fazia parte de uma construção anexa ou já pertencia a um terreno vizinho. A sebe de buxo da Ludwigshöhe 3 crescia densa e alta. Galhos de castanheiras e ramos de lariços se estendiam, provavelmente contra as prescrições oficiais, até por cima da rua.

A propriedade nos limites do lugarejo era conhecida pelo nome de Casa Húngara. A designação, quando era referida aqui e ali, se devia ao acesso incomum do jardim. O portão havia sido feito de ripas de madeira bem próximas umas das outras e pintado de marrom. Sobre os dois batentes altos e abaulados se estendia, trabalhado em uma única viga, um arco escuro, que atraía os olhares por seus entalhes coloridos. À esquerda e à direita do número que indicava o ano de 1911, casais em trajes típicos dançavam uma polca ou um csárdás. As pernas eram lançadas ao alto e as fitas voavam. Caso a criação ingênua não tivesse intenções artísticas, por certo se trataria de um esboço animado de marceneiro. Que as figuras com as mãos nos chapéus e na cintura eram criadas e pastores húngaros podia ser deduzido dos girassóis e das vagens de páprica aos montes.

Talvez um industrial bávaro tivesse trazido sua esposa húngara do sul da monarquia austro-húngara antes da primeira guerra mundial e conduzido a mesma através daquele portão para dentro de seu novo lar. Naquela época, no entanto, também havia um punhado de refúgios de artistas no vale do Isar, esconderijos estivais cheios de ímpeto criativo, visões cósmicas, amores com clientes que se demoravam, paixões, dedicação ao arcaico, inimizades mortais repentinas, bacanais, ambiente fraterno e sóbrio em revolucionários banhos nus ao ar livre.

Quando se espiava entre a trave superior do portão e a dança húngara, não se podia reconhecer na casa nenhuma influência estrangeira. Ela brilhava em amarelo entre a galharia antiga das árvores. Videiras envolviam as janelas. Aqui e ali, elas cresciam até acima das cumeeiras. A Casa Húngara teria sido apenas um quadrado sem graça se o proprietário e seu arquiteto não tivessem colocado duas torres em formato de cebola sobre os cantos da fachada. A esquerda terminava, aguda, em um pára-raios, e o galo enferrujado da segunda apontava, fosse qual fosse a direção do vento, para o oeste.

Uma doninha passou correndo na entrada do porão.

“Meeedo.” Os soluços chegavam por uma das janelas verdes até o verde matinal ali fora: “Meeedo. Estou com medo...” A voz vinda de dentro se perdeu em gemidos e suspiros: “Me deixem... Me ajudem... Me deixem dormir... Medo. Silêncio... Aaaaah.”

Os lamentos cessaram. Pombas pousaram na calha do telhado. Arrulharam. Depois de algum tempo, uma janela foi aberta. Um rosto sonolento espiou para fora. Uma mão com uma bengala se tornou visível. Depois de um golpe estrondoso contra a calha, a praga dos pombos bateu asas e foi se esconder nas copas das árvores ou voou para longe. Um dos batentes da porta estava encostado. Um gato se esgueirou pela soleira e logo encontrou a tigela de leite cheia no degrau superior da escada. Ao lamber e limpar os bigodes sob o primeiro clarão do sol, não desviou os olhos atentos das duas figuras que se encontravam no jardim.

À esquerda do caminho central, um homem se ajoelhava debaixo da faia de folhas sanguíneas. Ele vestia um sobretudo escuro e usava um cachecol. Imóvel, fixava os olhos no chão. Por fim, se curvou para frente e se apoiou com ambas as mãos, fazendo com que a cabeça e a testa baixassem vagorosamente até o solo. Seus dedos se agarravam à escuridão úmida. Ele inspirou o cheiro do húmus. “A ti, a ti, mamãe.” Pressionou seus lábios à terra e à grama. “Bondosa... Pacífica... Providente...” Em seguida se esticou de comprido, agarrou algumas raízes da faia e apertou, com um sorriso, suas faces ao chão. Cheio de carinho, não saiu daquela posição.

Do outro lado do caminho esburacado do jardim, ao lado do antigo depósito, uma fonte lançava água sobre o tanque arredondado, chapinhando à luz do sol matutino. Junto à borda de granito coberta de musgo, uma mulher de vestido longo e vermelho estava sentada sobre uma toalha. Vagorosamente, e de olhos cerrados, ela esticou seu rosto em direção à água. Agüentou muito tempo sem que bolhas de ar se formassem, mergulhada entre os nenúfares. Lançando um arquejo, enquanto ajeitava os cabelos molhados e louros para trás, ela voltou a tirar seu rosto da fonte. A água correu em pérolas por sua pele. Num êxtase silencioso, a mulher de quase quarenta murmurou: “Eu sou tudo... Eu não sou nada... Tudo se desintegra. Que bom. Uma ventura!” Depois de um suspiro profundo, voltou a mergulhar sua cabeça, prendendo os cabelos à nuca.

O gorjeio dos pássaros aumentava.

O gato se esticou sobre o tapete puído. Com um salto, ficou sobre as patas, bufou e se contorceu numa corcova.

“Bom dia, Chouchou. Já tomou seu café da manhã?” A corcova se descontraíu, o animal ronronou em volta de uma das pernas. Uma mulher de roupão branco e pantufas falou

para a escuridão da parte dos fundos da casa: “Horível... O senhor Lehmann teve a ousadia de fazê-lo. Não achei que seria capaz.”

“Os mais calados muitas vezes são os mais decididos”, se ouviu alguém dizendo lá dentro.

“Também a alegria mais ostensiva esconde abismos. Sei disso por causa de uma colega.”

“O senhor Lehmann era contador”, disse a voz masculina que vinha do invisível.

“Isso não significa absolutamente nada, senhor Deutler. Quem pode imaginar o que se passava dentro dele?” A mulher em vestimentas precárias acenou do corredor da casa: “Estamos prontos? O senhor vai vir ou não vai vir?”

“Dívidas? Melancolia? Sua mulher fugiu? Fraudes?” A voz soou jovial.

“Ele não falava mais”, a mulher ergueu as mãos, “e isso é tudo. O mutismo é o mensageiro que anuncia o fim. Mas às vezes também podem ser as palavras às quais ninguém presta atenção... Quando ouvi os passos e os estalos por volta das três, não cheguei a pensar em nada... Afinal de contas, o senhor vai vir ou não? Agora até já clareou.”

“Estávamos querendo esperar, senhora Hoffmeister, para acordar os outros.” De pés descalços, Olaf Deutler saiu da casa. Vestia apenas uma calça jeans. Seu tronco magro não tinha pelos. Grandes e profundos, os olhos estavam fincados num crânio careca. As aletas de seu nariz tremiam. O rapaz havia tido um sono intranquilo.

“Não, não vamos logo causar ainda mais pânico.” A mulher, que poderia ser sua mãe e pegara uma toalha branca para fazer dela um turbante em volta de sua cabeça, tomou a mão de seu acompanhante: “Deixe que aqueles que conseguem dormir continuem dormindo. Poderia ser a última noite.”

“Terrível.”

“Isso é um tantinho inadequado, senhor Deutler.”

“Chamar um médico?”

“Isso não é permitido.”

“E então, senhora Hoffmeister?... Cortamos?”

Por um momento, a mulher de branco e seu vizinho de quarto, que ela acordara aos safanões depois de espiar para o pomar ainda meio escuro, ficaram parados debaixo da luz da porta. Junto à faixa de folhas sanguíneas, eles reconheceram o senhor Kipphard, que aconchegava o rosto ao solo. Na fonte, Ute Wimpf exercitava sua simbiose aquática derradeira.

A professora secundária de Augsburg havia se caracterizado em palavras breves e rápidas como “vazia” e “esgotada” diante de Hilde Hoffmeister. Alguns alunos não apenas haviam ficado à espreita dela “com spray de pimenta”, como também um “degenerado aluno da décima série, cujos pais eram igualmente degenerados, enfiou uma tesoura em minha perna...” Ela disse ter se tornado pedagoga “por paixão”, mas que agora tinha vontade “de matar a tiros os adolescentes de dez a dezesseis anos, que simplesmente quebravam uma porta de vidro a pontapés, faziam montagens de fotos pornográficas do colégio em seus computadores e ao sair da escola pichavam *Go to hell* e *Prisão di merda* nas paredes dos corredores”, conforme ela vociferara, vermelha de tão furibunda. “É claro que Augsburg-Oberhausen é um bairro problemático.” Mas o que estava deteriorado mesmo eram as almas, segundo ela. “Quando uma colega havia se defendido contra o cara que depois faria uso da tesoura, ela fora denunciada pelos pais dele e em seguida interrogada pela polícia. Quando a barbárie e o desinteresse geral se tornam tão grandes a ponto de arrastar ao abismo e à burrice também os que têm boa vontade”, já não fazia mais o menor sentido “falar da idéia de uma Europa unificada na condição de professora de história.” Nos últimos tempos, ela só conseguia entrar na sala de aula “com o coração aos pulos e tranqüilizantes”. Uma outra colega havia “se jogado na frente de um trem” depois de uma série de fiascos privados e escolares. Ela, Ute Wimpf, não queria de forma alguma botar todos os alunos no mesmo saco, “jamais. Existem os de mentalidade amável e alguns que ainda têm força de vontade”, mas de um modo geral a incapacidade para se concentrar e a tendência à violência haviam alcançado tal medida, “que eu só posso capitular... Os alunos simplesmente se dirigem a nós arrotando.” Uma tesoura na panturrilha. Itália com dois “l”. Pais que superam seus filhos em indolência e pachorra... “A Baixa Saxônia instituiu cantinhos de soneca para alunos que se sentem por demais exigidos nas escolas do ensino fundamental.” Como ainda se poderia encarar o futuro de maneira conveniente, quando as coisas chegavam a esse ponto? Hilde Hoffmeister e Olaf Deutler viram como a professora, agora bem tranqüila, voltou a afundar sua cabeça em câmera lenta no tanque de granito. Quase divertida, a água que saía da fonte chapinhava sobre sua nuca.

“É, a situação é realmente extrema, senhora Hoffmeister.”

“Mas isso agora pouco importa, senhor Deutler.”

“Ainda estamos vivos.”

“Um pouco.”

Os vizinhos de quarto desceram os degraus de pedra, um de pantufas, outro descalço.

“Eu, de minha parte, não vou conseguir, senhora Hoffmeister.”

“Não vai conseguir a vida? Ou outra coisa?”

“A senhora é uma mulher com força de vontade.”

“Faz menos de três meses que me botaram no hospício. Uma longa história. De repente, não, pouco a pouco, eu não conhecia mais a mim mesma. No aniversário de minha nora, quebrei toda a louça. Tirei os copos da cristaleira e joguei na parede. Um depois do outro. Todos ficaram sentados ali, paralisados. Em casa, continuei dando trela à minha fúria. Os hormônios? Mas ela me roubou meu filho há vinte anos e o transformou num bunda mole, que precisa da permissão dela para todo e qualquer passo que pretende dar. Um imprestável. Não agüento mais tudo isso.”

“Tudo?”

“Ainda me resta uma aventura.”

GLOSSÁRIO MÍNIMO

AOK – Sigla de Allgemeine Ortskrankenkasse. Refere algo parecido com o INSS no Brasil.

CSÁRDÁS – Dança nacional húngara.

KULISSE – Teatro e Restaurante de Munique. Kulisse significa “cenário”, “bastidores”.

MOSHAMMER – Referência a Rudolph Hans Albert Moshammer (1940-2005), estilista de Munique e figura das mais esdrúxulas, assassinado por um michê. Jamais se separava de Daisy, sua cadelinha yorkshire.

VIER JAHRESZEITEN – Traduzindo, “Quatro Estações”, hotel de Munique.